

Impacto das Condições de Trabalho sobre a Saúde das Trabalhadoras e Trabalhadores Negros: A Igualdade de Oportunidades no Trabalho

Edna Muniz de Souza *

Este texto visa contribuir para inclusão da temática no movimento sindical, bem como entre os parlamentares e os principais agentes do poder público.

Venho trabalhando há mais de vinte anos no serviço público, na área de saúde mental, desenvolvendo atendimentos, formação e pesquisa com trabalhadores e usuários dos serviços oferecidos pelo município. Atualmente, trabalho no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, da zona norte de São Paulo, e sou assessora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert), organização não governamental localizada na mesma região. O Ceert desenvolve programas de pesquisa e intervenção nas áreas de relações de raça e gênero no trabalho.

Temos desenvolvido muitos programas de formação junto a organizações sindicais, principalmente àquelas ligadas à CUT. Acompanhamos as discussões, de introdução desse tema na pauta do movimento e a preparação dos formadores. Realizamos também diversos trabalhos com o Ministério do Trabalho, inclusive na condição de consultores formais da OIT.

Nos últimos seis anos, o Ceert tem procurado formar um tripé: trabalhadores, poder público e empregadores - no sentido de desenvolver diagnósticos e Implementar políticas que visem a combater a discriminação e promover a igualdade de oportunidades no trabalho.

A Prof^a. Dra. Maria Aparecida Bento¹, sempre se refere a um ponto de grande preocupação no desenvolvimento de pesquisas e de programas de intervenção o silêncio das instituições com relação aos problemas que atingem metade da população do país - ou seja, os negros brasileiros. Além de outras

* Assistente Social e Psicóloga, Especialista em Saúde Pública e Saúde Mental e Trabalho. Coordenadora da Área de Saúde do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert).

¹ Diretora do Ceert e Doutora em Psicologia pela USP.

dificuldades, temos enfrentado permanentemente o silêncio das instituições no mercado de trabalho, inclusive daquelas "de esquerda".

Aprendemos muito sobre discriminação racial justamente com esta esquerda branca. Há um grupo de pessoas que se indignam com variadas formas de violação de direitos; mas é muito difícil sensibilizar essas mesmas pessoas e envolvê-las concretamente, para além dos discursos, em uma ação efetiva de combate à discriminação.

Existe ainda um outro ponto: as instituições de pesquisa no Brasil, governamentais e não-governamentais, também silenciam sobre as desigualdades raciais - coletam dados e engavetam, coletam o mesmo dado de formas variadas, com critérios aleatórios, ou nem sequer coletam. Na área da saúde do trabalhador, por exemplo, inexistem pesquisas governamentais que incluam o quesito cor.

Temos, portanto, dificuldades para traçar um perfil, mesmo que genérico, a respeito das condições de saúde de trabalhadores negras e negros. Porém, os poucos estudos que temos já nos dão condições de constatarmos que a saúde da população negra no Brasil está a exigir maior atenção. Um destes estudos, o "Mapa da População Negra", produzido pelo Instituto Interamericano Sindical pela Igualdade Racial (Inspir), a partir de pesquisa realizada pelo Dieese e pela Fundação Seade, apresenta dados que podem ser lidos no mínimo como "pistas" das razões pelas quais a saúde da população negra vem sendo particularmente afetada pelas condições de trabalho:

- *negras e negros entram mais cedo e saem mais tarde do mercado de trabalho;*
- *têm, proporcionalmente, jornadas de trabalho mais longas;*
- *ocupam os piores lugares;*
- *desenvolvem as tarefas mais insalubres;*
- *vivenciam situações de maior precariedade no trabalho.*

Ou seja: trabalhadores negras e negros vivenciam, no trabalho, um cotidiano sobrecarregado de tensões. Inclusive porque, em qualquer lugar do país,

recebem um salário médio que é a metade do salário médio dos brancos. E, em qualquer capital nacional, são os principais atingidos pelo desemprego.

Essa situação toda de expropriação concreta e simbólica, certamente e inevitavelmente se reflete na saúde dos nossos trabalhadores e trabalhadoras. Assim, algumas doenças têm atingido mais os negros do que os brancos - em particular a hipertensão e a diabetes. Não por acaso, se recuperarmos a derivação da palavra hipertensão, encontraremos "pressão", que significa "apertar, oprimir ou empurrar". Neste sentido, "exercer pressão significa:" "influência exercida, sobre alguém para que aja de certa, maneira ", ou "ação de insistir fortemente com uma pessoa ou forçá-la de qualquer forma para que faça certa coisa ". (Moliner 1986).

Como se não bastassem todos estes dados alarmantes, discriminação racial continuada em ambiente de trabalho provoca o que temos chamado de dano psíquico.

0 caso das Merendeiras

Em fevereiro de 2000, chegou no setor de direito do Ceert um caso que exemplifica estas questões e que tem nos dado subsídios para aprofundá-las. Segue abaixo sua descrição:

Três merendeiras de uma escola no centro de São Paulo lavraram um boletim de ocorrência, em dezembro de 2000, e processo crime, em março de 2001, acusando de prática de racismo o diretor da mesma escola.

Apenas para ilustrar: o perfil das três merendeiras - mulheres negras, com idade em torno de 50 anos, nível de escolaridade de primeiro grau, corresponde ao segmento da população brasileira mais discriminado no mercado de trabalho. Compõe-se de pessoas que desempenham, em geral, trabalhos que exigem menor ou nenhuma qualificação - como os chamados serviços gerais (ou de apoio) - que são também as ocupações de mais baixa remuneração. A taxa de participação destas mulheres no mercado de trabalho é maior do que a das mulheres brancas. No entanto, seu rendimento mensal médio equivale à metade

do rendimento mensal médio das mesmas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, 85% das mulheres negras (em geral) encontram-se abaixo da linha de pobreza.

Durante dois anos a fio, as três merendeiras foram submetidas a humilhações pelo referido diretor.

Eram chamadas de "pretas da senzala", "negras malditas" e outros xingamentos. Ouviam regularmente insinuações sobre suas vidas privadas, além de receberem desiguais sobrecargas de trabalho (em relação às suas colegas de trabalho brancas). Como consequência, apresentaram um quadro crítico de múltiplos sintomas, entre eles: hipertensão arterial, reação depressiva prolongada, comprometimento da auto-estima e da disposição para viver e trabalhar. No processo contra o diretor, testemunharam professores da escola, uma ex-diretora, funcionários e policiais militares que trabalhavam na mesma. Todos eles confirmaram (e completaram) a denúncia.

Desde o contato, as três merendeiras vêm sendo acompanhadas por técnicos e assessores do Ceert, entre advogados, psicólogos, médicos e assistentes sociais. E, a partir destes acompanhamentos, muitas reflexões têm sido feitas e construídas pela equipe. Muitas delas aproximam-se das idéias levantadas por Margarida Barreto em seus estudos sobre assédio moral (1999), conceituado como "todo comportamento abusivo (gesto, palavra e atitude) que ameaça, por sua repetição, a integridade física ou psíquica de uma pessoa, degradando o ambiente de trabalho".

A violência racial cotidiana e persistente da qual foram vítimas as merendeiras - através do autoritarismo desmedido e do tratamento grosseiro de seu chefe - acabou por desencadear nelas danos diversos, de ordem física e psíquica.

Sofrimento Físico e Dano Somático

A hipertensão apresentada por duas das três merendeiras vem sendo apontada por estudiosos como uma resposta do organismo à violência racial (Araújo, 200 1). A hipertensão é conhecida como "o matador silencioso-, pois afeta

órgãos vitais como o coração e os rins acometendo entre 10% e 20% dos adultos e de 40% a 50% dos indivíduos por volta dos 60 anos. Estudos norte-americanos com recorte racial (Araújo, 200 1) revelam, a respeito da hipertensão:

- *maior incidência entre negros;*
- *menor tolerância dos homens negros;*
- *maior incidência entre as mulheres.*

A agressão reprimida pode vir de fontes diversas como respostas psíquicas de enfrentamento às situações vividas como humilhações.

Sofrimento Mental e Dano Psíquico

Embora apresentem alta prevalência entre a população trabalhadora, os distúrbios psíquicos relacionados ao trabalho freqüentemente passam despercebidos no momento de uma avaliação ou escuta clínica. O dano à psique decorreria de alterações do estado emocional. O ofensor age impondo uma carga psicológica nociva ao ofendido, que sofre uma lesão moral psíquica - ou seja, uma alteração em seu equilíbrio psicológico. As reações podem ser: depressivas, de agitação psicomotora, de síndrome de pânico.

A voz das merendeiras

Merendeira 1

“Chorava na cozinha, cada vez que lembrava, quando eu começava a pensar...”

"Eu fiquei muito feliz o dia que falaram para mim: a senhora é auxiliar de serviço, mas vai ser designada para a cozinha da escola... fiquei feliz, porque eu gosto

muito, eu adoro cozinhar.. então juntou uma coisa com a outra, eu gosto de criança e eu gosto muito de cozinhar. Eu fiquei muito feliz-"

No entanto, a violência repetidamente exercida pelo diretor mudou esse quadro de felicidade. Entre as ofensas por ele proferidas, cita-se os exemplos:

- dizer que a empregada que era dele era negra, mas 'jamais se sentaria na mesa para tomar café' com ele;
- chamar a cozinha da escola (local de trabalho de uma das merendeiras) de 'senzala' ;
- afirmar que os problemas da escola eram devidos às funcionárias negras;
- acusar injustamente uma das merendeiras de estar 'desviando' merenda e, com esta acusação, tirar-lhe a chave da dispensa;
- ordenar que uma delas cuidasse sozinha da merenda: 'Você tem que se virar na merenda, vai ficar sozinha e ninguém vai ajudar';

Em geral, os casos descritos de dano psíquico gerado no trabalho se iniciam com críticas constantes do agressor ao trabalho do funcionário:

"...O problema que ele tinha era conosco: eu e minhas duas colegas de trabalho. 'Vocês, suas negras malditas, é que não deixam a escola funcionar direito!' - Eu fiquei apavorada".

A "vítima" deste tipo de violência é, muitas vezes, impedida de trabalhar. Ou, ao contrário, vê-se sobrecarregada de tarefas:

" ... é a questão mesmo de trabalho. Separando as funcionárias brancas, ele falou para a vice-diretora 'as suas funcionárias pretas'. Então, todo serviço era feito na parte da manhã, o serviço pesado: lavagem de corredor.. 'Não quero saber, vocês tiram um tempo e vão lá varrer o pátio.' E essas funcionárias que ele falava 'são minhas funcionárias' (as brancas) trabalhavam na parte administrativa"

Ao impedir a vítima de trabalhar adequadamente, o agressor pode mais facilmente criticá-la. Em seguida, ele rompe as alianças que poderia ter e a isola, não lhe dirige mais a palavra, não a convida mais para reuniões e, por fim, se ela tenta se defender, humilha-a, critica sua vida privada e faz pouco caso de suas opiniões. E, a essa altura, a saúde dessa pessoa já está fortemente alterada:

Me sentia mal. Mal porque eu senti o desprezo dele. Primeiro que ele fez a reunião sem a minha presença, ele definiu a minha função sem a minha presença. E eu não pude nem me defender; porque, se eu tivesse, eu iria questionar: 'E quem vai ficar comigo na cozinha?'. 'Ninguém.. Se vira, dê um jeito!'. Foi quando a minha hipertensão foi aumentando".

Entre os efeitos destrutivos da carga emocional e da sobrecarga de trabalho ao qual ficou submetida, elas relatam:

"Um dia, minha filha falou: 'Mãe, estou sentindo a senhora muito abatida...' Aí, eu já estava com hipertensão arterial..."

"Ao chegar em casa, sentia a canseira que eu ficava... tomava banho, a conversa pouca, ia dormir não sei se para esquecer um pouco, não sei se era o recurso que eu tinha de dormir para esquecer, ou descansar a cabeça e ficar com a cabeça descansada para o outro dia."

"Chorava na cozinha, cada vez que lembrava, quando eu começava a pensar.. Foi muito choro, no ano passado chorei bastante... Foi uma apatia mesmo que me deu, uma apatia muito grande... Mas, quando chegava na madrugada, eu acordava e perdia um pouco o sono."

Merendeira 2

"Ele me xingou, me chamou de vagabunda, falou que, se eu não quisesse trabalhar, iria me mandar para o Tucuruvi, e me colocar à disposição; e proferiu palavras de baixo calão..."

"Estas situações agravaram a minha saúde, porque eu sou hipertensa ... Mesmo tomando remédio, fazendo minha dieta direitinho ... A hipertensão é uma doença que não tem cura... Se eu passo nervoso, lógico que eu choro."

"Eu achava ele legal, mas daí foi quando ele fez o comentário da empregada... Que fazia tudo por ela, mas sentar à mesa, comer com ele, não era bem-vinda."

"Eu me sentia mal... Ele criava um certo clima que a gente ficava constrangida perto dele."

"Ele nos chamou de 'negras malditas' na sala dele."

"Quando cheguei em casa... do nada começava a chorar.. Fiquei irritada, estressada, falando alto e nervosa... Até hoje ainda estou assim, chorosa."

Merendeira 3

"Fazia serviços de ir na Secretaria da Fazenda, Delegacia de Ensino, serviço de banco... Aí ele cortou..."

Esta merendeira ressalta bastante a diferença de tratamento que o diretor reservava às "funcionárias dele" (brancas), que tinham sua proteção e privilégios, comparadas a ela e suas companheiras (negras). Entre outras coisas, fazia comentários fêrinos e até ironias públicas (entre as pessoas da escola), comparando as funcionárias negras com as brancas e desqualificando-as frente a elas e às outras pessoas.

0 Trabalho do Ceert

Esse estudo tem auxiliado o Ceert a dar visibilidade às situações de violência associada à raça, mas principalmente a criar condições de instrumentalizar profissionais das áreas jurídicas, psicológica e saúde em geral a acompanhar casos como estes, elaborando laudos, relatórios e emitindo CAT com nexos causais que considere o dano psíquico sofrido e o seu impacto no trabalho e na vida das trabalhadoras e trabalhadores.

Durante o processo de acompanhamento deste caso das merendeiras, elaboramos um laudo que servirá como instrumento para o processo-crime contra o diretor da escola, pois explicita os danos causados pela prática de racismo às trabalhadoras.

Apresento a seguir o quadro em que as ofensas, humilhações e a sobrecarga de trabalho em razão da condição de raça/cor geraram nessas trabalhadoras problemas de saúde física, psíquica, bem como de natureza moral:

DANO PSÍQUICO

- Irritabilidade
- Perda do ânimo para trabalhar
- Fobia frente ao agressor
- Nervosismo
- Sentimento de perda de força
- Baixa auto-estima
- Instabilidade emocional
- Crises de choro constantes
- Alteração de memória
- Sensação de estar enlouquecendo
- Esgotamento mental
- Mudanças na rotina cotidiana
- Pensamentos suicidas
- Depressão
- Distúrbios do Sono
- Distúrbios psicossomáticos: Crises de pressão alta Taquicardia, palpitação, Queixas digestivas

E o caso continua...

A devolutiva que realizamos com as merendeiras, percebemos o quanto este processo as "empoderou": atualmente parecem estar se sentindo muito mais fortalecidas e mais atuantes nas situações de enfrentamento com a instituição. Atualmente, uma das merendeiras participa do Conselho de escola, opinando sobre os problemas e dando "dicas" sobre como lidar com problemas relacionados às questões raciais. Outra continua como merendeira, e próxima dos alunos, auxiliando em condutas, inclusive, do coordenador pedagógico. A escola também "promoveu" uma das três para ser inspetora de alunos. Esta relata que vem desempenhando de forma satisfatória e gratificante sua função.

Parecem estar aos poucos conseguindo transformar suas atitudes no cotidiano. Como, por exemplo, através da percepção e do reconhecimento de que determinadas mudanças institucionais fazem parte de um "jogo", tais como: o afastamento do diretor da escola, sua substituição por um outro diretor, a entrada de um coordenador pedagógico negro, além da inclusão nos quadros da mesma escola de muitos professores negros. Além disso, as merendeiras relatam a adoção em suas vidas de atitudes dotadas de um olhar mais crítico do que antes em relação a questões relacionadas à violência racial.

Esse trabalho foi construído de forma coletiva, incluindo a participação de profissionais e técnicos de várias áreas e disciplinas, a associação da área de ensino da escola (APEOESP) e, principalmente, as próprias merendeiras. Através desta construção, confirmamos mais uma vez que, ao lidarmos com saúde mental no trabalho, é necessário considerarmos os constrangimentos racistas, sexistas e classistas que se impõem a cada trabalhadora ou trabalhador principalmente às trabalhadoras negras e pobres. E que, para a superação das condições de humilhação, é preciso lutar, exigindo: respeito, dignidade, integridade e justiça nas relações cotidianas, nos espaços macro e microssociais. É preciso denunciar e criar espaços de "escuta" nos sindicatos, serviços públicos de saúde, na área jurídica e trabalhista. Não vamos silenciar!